

A formação do território a nível local e a emergência da ação coletiva

Análise das trocas simbólicas em duas coletividades locais da região de Marabá, Amazônia Oriental

Iran Veiga* e Christophe Albaladejo**

*UFPA/CAP/NEAF Campus Universitário do Guamá, rua Augusto Corrêa 1 66.075-900 Belém - PA iveriga@ufpa.br

**INRA/SAD BP 27 - 31326 Castanet Tolosan cedex, França albalade@toulouse.inra.fr

Resumo:

Neste artigo, a "localidade" é vista como o espaço social e geográfico da ação no cotidiano das famílias rurais, através da qual estas conseguem inventar formas de vida ou de desenvolvimento específicas, não previsíveis por modelos regionais de evolução da agricultura. Realizamos entrevistas à totalidade das famílias residentes em duas localidades vizinhas da fronteira agrária de Marabá (Amazônia oriental): Sítio Novo e Vera Cruz. Apesar de vizinhas, elas seguiram caminhos de desenvolvimento muito diferentes e hoje as capacidades de ação de cada uma sobre suas respectivas situações são bastante diferentes.

Procuramos entender o porquê destas diferenças a partir das histórias individuais e coletivas das famílias, assim como dos tipos e da morfologia das redes de relações sociais entre estas famílias e com o "exterior" das localidades. Observamos a importância do parentesco na constituição da sociabilidade local, em combinação com outros tipos de relações, como as de vizinhança ou de "moradia" (que frequentemente está associada ao parentesco). Distinguimos três tipos principais de relações, em função do tempo e da simetria em jogo nas relações: as trocas pagas em dinheiro, as trocas estabelecendo uma certa simetria e as trocas assimétricas. Esta perspectiva permitiu explicitar uma certa "gramática" local das relações sociais e melhor evidenciar as diferenças entre Sítio Novo e Vera Cruz.

Em conclusão, discutimos a natureza do "vínculo social" local na fronteira amazônica e as condições de emergência da ação coletiva. As relações privilegiadas de Sítio Novo com o sindicato local de trabalhadores rurais (que poderiam ser consideradas, em boa medida, clientelistas), a qual traz benefícios (como projetos de desenvolvimento etc.) à localidade, é importante para compreender as diferenças observadas, mas não explica tudo.

Vera Cruz também tem seus "benfeitores", mas não tem capacidade para gerir coletivamente essas relações, as quais ficam restritas a umas poucas famílias da localidade. Em Sítio Novo existe uma forte intensidade de relações entre grupos domésticos, assim como uma grande variedade destas, entre as quais predominam as relações simétricas. Por outro lado, em Vera Cruz existem grupos domésticos grandes mas relativamente isolados, dentro dos quais predominam as relações assimétricas.

Palavras-chave: localidade, redes sociais, vínculo social local, capital social, ação coletiva, desenvolvimento de comunidade.

Abstract:

In this paper, the “locality” is viewed as the social and geographical space of smallholder families’ daily activity. Within this space families create their particular livelihood styles or development paths, impossible to predict by regional models of farming evolution. We interviewed all families living in two neighbouring localities, Sítio Novo and Vera Cruz, in the Marabá Region in eastern Amazon. These localities followed different paths of development and have today very different collective action capabilities.

We attempted to understand these differences through the use of personal biographies and groups’ histories. We also considered the different types of relationships existing between households, as well as network morphologies of the links established among households and between them and the “world outside” the localities. We observed the importance of kinship relationships in local sociability, combined with other types of links such as neighbourhood and “moradia”. We created a typology of household relationships based on time and symmetry at stake in the relationship. We distinguished the following types: Exchanges involving money; symmetrical exchanges; and asymmetrical exchanges. This typology allowed us to understand the local grammar of social relationships and to explain the differences between Sítio Novo and Vera Cruz.

In conclusion we discuss the constitution of local social links in this region of the Amazon frontier and how to facilitate collective action under such conditions. Privileged links, mainly clientelistic, in the Sítio Novo locality with a family farmers union (bringing resources such as development projects) are key in explaining differences between localities, but they are not the only reasons. Vera Cruz also has “benefactors”, but this locality is unable to collectively manage these relationships, which benefit only a few families. In Sítio Novo, there is a great density of relationships among families, predominately symmetrical. Unlike Sítio Novo, in Vera Cruz there are large, relatively isolated families and predominately asymmetric relationships.

Key words: locality, social networks, local social relationships, social capital, collective action, community development.

Résumé:

Dans cet article, la “localité” est vue comme l’espace social et géographique d’action au quotidien des familles rurales de la frontière agraire

de la région de Marabá en Amazonie Orientale. Il ne s'agit donc pas d'un espace aux contours précis, mais au contraire de l'espace fragmenté et en constante évolution de l'action collective. C'est dans la localité que nous recherchons les capacités collectives des familles rurales de la frontière à s'inventer un futur original, non prédictible par les modélisation régionales de l'activité agricole et de l'avancée des fronts pionniers. Nous cherchons notamment à mieux comprendre quelles sont les conditions sociales, économiques et techniques qui fournissent un cadre favorable à l'action collective locale afin de contribuer à l'intervention d'ONG ou d'agences publiques de développement qui visent à s'appuyer sur ces capacités locales d'action.

10570 Nous avons réalisé des entretiens à toutes les familles de deux localités voisines situées à 100 km de la ville de Marabá, proches de la route Transamazonienne: Sítio Novo et Veracruz. Ces deux localités sont a priori dans des conditions géographiques semblables (distance au marché, ancienneté de la colonisation, caractéristiques initiales du milieu physique, etc.). Cependant elles ont suivi des itinéraires de développement très différents et présentent aujourd'hui des capacités d'action sur leurs situations respectives très dissemblables, Sítio Novo apparaissant comme beaucoup plus dynamique et avec une vie sociale et une solidarité locale beaucoup plus forte.

10571 Nous avons cherché à expliquer les différences constatées à travers les biographies individuelles et des groupes en présence ainsi qu'une analyse des types de relations et des morphologies des réseaux de relations entre « groupes domestiques » (définis par l'unité de résidence). La parenté permet d'expliquer la constitution d'une sociabilité locale qui garantisse la production d'un « univers de sens commun » à tous les habitants du lieu en question. Cette sociabilité locale est également construite par d'autres relations, de voisinage et de « moradia » (prêt de terres à cultiver et d'un terrain où construire la maison), qui sont combinées étroitement à la parenté. En 20 ans d'existence de ces localités, la parenté, qu'elle soit symbolique ou formelle, est aussi une construction locale (mariages, parrainages). Nous observons qu'à Sítio Novo la parenté relie l'ensemble des groupes domestiques, tandis qu'à Vera Cruz elle a tendance à se concentrer sur de grands groupes de parenté directe, reliant un faible nombre de groupes domestiques. Nous avons également cherché à qualifier la nature des échanges entre groupes domestiques en fonction du temps engagé dans la relation (à quel moment faut-il rendre un service prêté ?) et de la symétrie dans la relation (que faut-il rendre en échange et faut-il chercher une équivalence ?). Nous avons ainsi distingué trois grandes catégories d'échanges: les relations faisant intervenir de l'argent, les relations symétriques et les relations asymétriques.

Cette distinction nous a permis de décrire une véritable grammaire des échanges et de mieux mettre en évidence les différences entre les deux localités étudiées.

En conclusion nous discutons de la nature du « lien social local » dans les régions de frontière en général et dans la région de Marabá en particulier, et des conditions d'émergence de l'action collective au niveau local. Les relations privilégiées, fondamentalement clientélistes, de Sítio Novo avec un syndicat apportant certaines ressources (comme des projets de développement, etc.) est bien entendu un facteur important mais il n'explique pas tout. Vera Cruz aussi a ses « bienfaiteurs », mais elle ne présente aucune capacité collective de gestion de ces « bienfaits » qui restent finalement captifs à l'intérieur de petits collectifs de parenté incapables de maintenir cette relation de clientèle sur du long terme. A Sítio Novo, il existe une forte intensité des liens sociaux entre groupes domestiques ainsi qu'une grande variété de types de relations, dans laquelle prédominent les relations que nous avons qualifiées de symétriques. Contrairement à Sítio Novo, à Vera Cruz il existe des groupes domestiques importants mais relativement isolés du reste de la collectivité locale, et au sein desquels prédominent des relations de type asymétriques.

Mots-clefs: localité, réseaux sociaux, lien social local, capital social, action collective, développement communautaire.

Introdução

No estudo dos espaços rurais o “local” pode ser visto sob vários prismas, conforme o recorte teórico do pesquisador que a ele se interessa. Destarte, o “local” pode ser um meio para apreender os modos de realização das grandes tendências socioeconômicas segundo a diversidade das condições locais: distância das cidades, contexto socioeconômico e condições agronômicas (de Reynal *et al.*, 1996). Trata-se, neste caso, de uma abordagem estruturalista aplicada à diversidade de condições geográficas. Também pode ser, ao contrário, um meio de apreender como os agentes sociais conseguem retardar ou desviar essas grandes tendências estruturais que se exercem sobre eles sem, no entanto, se impor totalmente, ou ainda como os referidos agentes conseguem criar formas de desenvolvimento que um modelo geral não teria engendrado localmente ou, ao menos, não teria colocado naquele lugar específico. Tal visão do “local” tem origem em um enfoque inspirado na sociologia da ação, que nos pode explicar qual jogo social foi construído localmente de modo a permitir a emergência contingente de uma ação coletiva (Wright, 1990).

É nessa última perspectiva que se situa este artigo, quando convergimos nosso interesse na “localidade” nas regiões de agricultura familiar da fronteira agrária da Amazônia oriental. Sob nossa visão, a “localidade” não é, necessariamente, um povoado ou um assentamento rural específico e nem mesmo um território bem delimitado, contínuo e preciso; antes de mais nada, é o espaço social e geográfico da ação destes agricultores, mais precisamente, de suas ações no cotidiano. Veremos que se trata, em geral, de um espaço de contornos mal definidos, fragmentado e em evolução constante. Nossa finalidade é conseguir avaliar melhor as margens de manobra dos agricultores familiares, a nível local, no manejo da atividade agrícola e no controle de seu desenvolvimento socioeconômico. Almejamos compreender que condições sociais, econômicas ou técnicas são os marcos mais favoráveis à ação local e, assim, dar subsídios à concepção de intervenções por ONG's (organizações não governamentais) ou organismos de desenvolvimento que nela se apoiem e que a estimulem através da figura do “projeto territorial” (Kayser, Brun & Cavailles, 1994).

Baseamo-nos, neste trabalho¹, em uma série de entrevistas realizadas junto à quase totalidade das famílias residentes em uma área de colonização da região de Marabá denominada Gleba 9 (figura 1). Essa área, com aproximadamente 3200 ha (32 lotes de 100 ha), foi demarcada no final dos anos 70 (quando estava totalmente coberta por mata primária) para receber famílias desalojadas pela formação do lago de Tucuruí (os “alagados”).

¹ Pesquisa realizada no âmbito do Projeto Primitivo do CNRS-EVRS, comitê SEAH e do projeto Convulsoir do CNPq.

Estas nunca tomaram posse dos lotes, que foram aos poucos sendo ocupados, espontaneamente, por famílias das mais diversas origens. Em 1982 todos os lotes estavam ocupados e, no momento de nossas entrevistas (1996/97), aproximadamente metade da cobertura florestal original havia sido retirada. Nosso primeiro contato com os agricultores dessa área se deu através de um programa de extensão da Universidade Federal do Pará, o CAT (Centro Agroambiental do Tocantins), que naquele momento desenvolvia, com o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) do município de Itupiranga, diversas ações de desenvolvimento na Gleba 9.



Figura 1 - A Gleba 9 na região de Marabá

Existem, na Gleba 9, duas “comunidades” católicas², Sítio Novo e Vera Cruz. Como nessa área praticamente todas as famílias são católicas, a “comunidade” ganha, subsidiariamente, um caráter espacial. A “comunidade” de Sítio Novo abrange os lotes da extremidade leste da Gleba 9, enquanto Vera Cruz abrange os da parte central e oeste (figura 2). Entre ambos existe um maciço florestal formado por 4 lotes de proprietários não residentes, com a mata primária praticamente intacta. A distância entre as extremidades oeste e leste é de aproximadamente 9 km, não havendo estrada trafegável entre as duas áreas mas, unicamente, caminhos que podem ser percorridos a pé ou em montarias.

Gleba 9 : lotes e caminhos

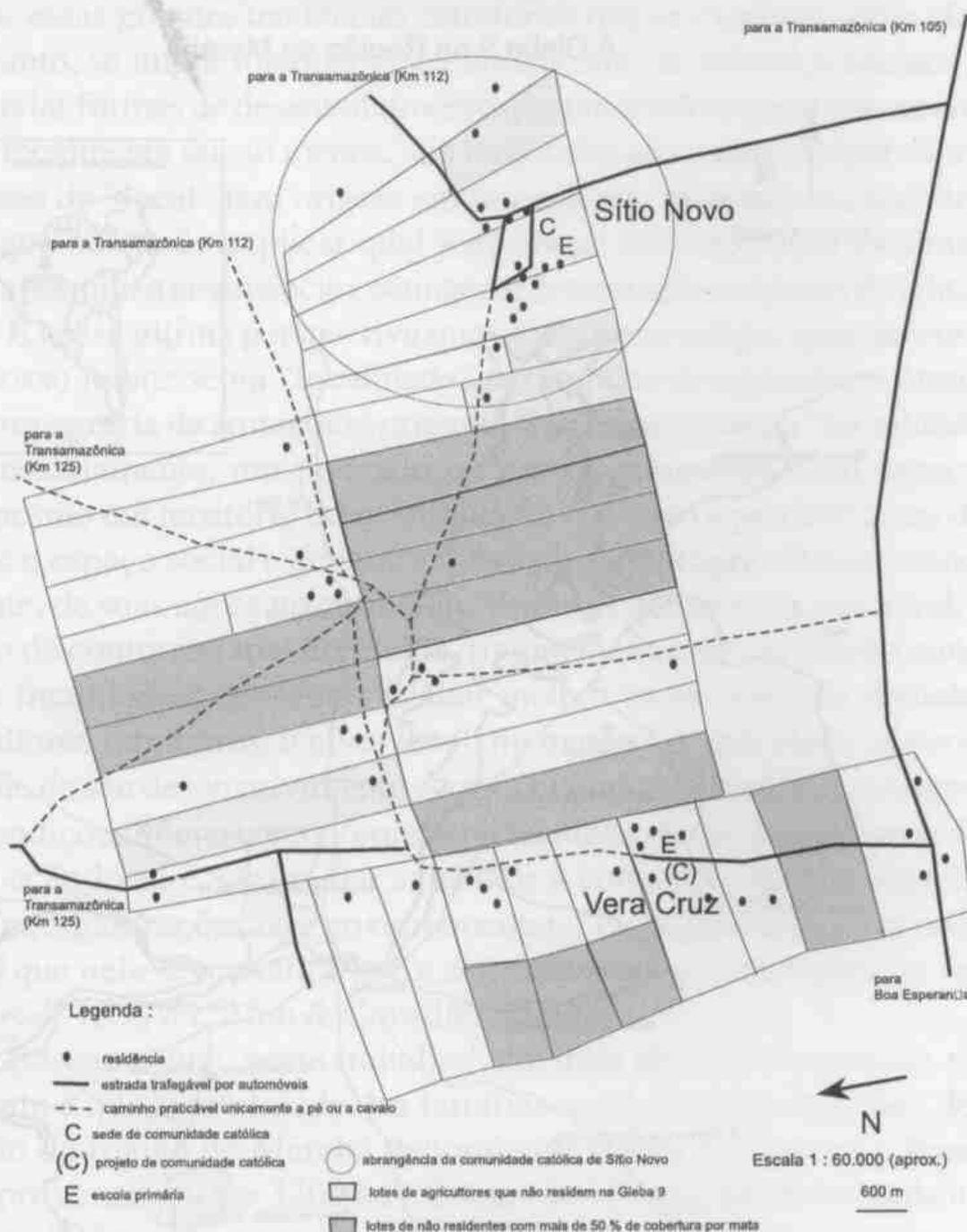


Figura 2 - Gleba 9: lotes e caminhos

²A ação da Igreja católica junto às famílias de agricultores na Amazônia oriental levou à criação de numerosas “comunidades eclesiais de base”, as quais tornaram-se uma referência freqüente no discurso de agricultores, sindicalistas e agentes de desenvolvimento para designar as coletividades locais. Utilizaremos este termo de maneira crítica, para melhor compreender os modos de estruturação da sociedade ao nível local nesta região.

O conjunto da Gleba 9 encontra-se em condições que podemos considerar semelhantes: isolamento (a 30 quilômetros da rodovia Transamazônica, e a uma centena de quilômetros, por estradas precárias, da sede municipal mais próxima), tempo de ocupação, histórico da estrutura fundiária, condições agronômicas. No entanto, como veremos, as duas "comunidades" seguiram caminhos muito diferentes, e a capacidade de ação de cada uma delas sobre suas respectivas situações são, atualmente, bastante diferentes. O primeiro contraste que podemos notar diz respeito à própria relação com o CAT e o STR: estes desenvolvem ações unicamente com a "comunidade" de Sítio Novo. Entretanto, as diferenças não se limitam tão somente aos projetos de desenvolvimento, abundantes em Sítio Novo e inexistentes em Vera Cruz, mas abrangem a história e o funcionamento das principais instituições locais (escola primária e "comunidade" católica), que funcionam precariamente em Vera Cruz. Utilizaremos, então, essas duas comunidades como "*telling cases*" (casos eficazes), segundo a expressão de Clyde Mitchell (Mitchell, 1983), supostamente pertinentes e eficazes para a compreensão dos marcos sociais e territoriais da ação local.

Encontramo-nos, na localidade, no âmbito do cotidiano e não no das estratégias organizacionais. Assim, o "vínculo social" local (criado pelas interações cotidianas) não é um produto do "**cálculo consciente**" dos agentes sociais. Essa abordagem teórica tem repercussões diretas na coleta de dados através de entrevistas: não esperamos, de maneira alguma, que as pessoas entrevistadas tenham algum tipo de teoria sobre suas relações sociais locais, nem que elas possam elaborá-la durante o período das entrevistas. No extremo oposto, não consideramos esse "vínculo social" local como fruto da **simples necessidade**, ou seja, não procuramos descrevê-lo como produzido por uma solidariedade em situações de emergência, ou por exigência criada pela simples proximidade cotidiana. Tal ponto de vista não impede que o "vínculo social" local possa ser visto como fazendo parte de "**estratégias sociais**", porém no sentido de Bourdieu (1980) e não no de Crozier (Crozier & Friedberg, 1977). Estudar a "localidade" é, então, estudar o universo das práticas sociais localizadas.

A localidade deve, assim, ser considerada como o lugar de concretização de um "campo social"³ que seria nada menos que o da vida social na fronteira agrária. Como explicar que as duas "comunidades", portanto em "situações estruturais" semelhantes, possam apresentar tais diferenças? Adotaremos, paralelamente, dois ângulos de análise.

³ Em um outro artigo neste número (Albuquerque & Vieira) a consideramos como o lugar de concretização de um "sistema de ação concreto", mas é necessário esclarecer que neste caso analisaremos os modos de construção de acordos e da emergência da ação no interior da figura do "projeto" de desenvolvimento local. Nos tempos e nos diferentes interesses presentes neste projeto, as interações sociais são representadas como um "jogo", no sentido da sociologia das organizações (Friedberg, 1993).

De um lado estudaremos as formas que assumem os “investimentos simbólicos” (segundo a expressão de Bourdieu) realizados a nível local e, para fazê-lo, utilizaremos a análise das trocas de trabalho e bens entre os agricultores da Gleba 9. De outro lado buscaremos relacionar as diferenças constatadas entre as duas coletividades estudadas a dois aspectos das mesmas que nos parecem capazes de fornecer elementos de explicação: trata-se da história individual e dos grupos de agricultores que se encontram em Sítio Novo e Vera Cruz, assim como das relações familiares que foram criadas e/ou “importadas” para as aludidas coletividades; e das relações mantidas por esses agentes sociais e grupos com o “exterior” das coletividades. Concluindo, discutiremos sobre a natureza do “vínculo social” local na nossa região de estudo e sobre as condições de emergência da ação coletiva.

1. O grupo doméstico

Os agricultores de Sítio Novo têm atrás de si uma longa história comum de migração para o oeste, saindo do Piauí e passando pelo Maranhão até chegar às margens do Tocantins (Araújo & Schiavoni, neste número). De fato, eles fazem parte de um conjunto de várias famílias, mais ou menos aparentadas entre elas, que mantêm relações bastante “estendidas” no tempo e no espaço. Este conjunto reside, paralelamente, no Pará e no Maranhão (e, sem dúvida, ainda no Piauí) e, provavelmente, no futuro residirá em outros lugares. Em cada lugar onde se instalam ocorre uma recomposição das relações entre famílias, conforme a nova situação. Por outro lado, as relações entre os diferentes lugares de instalação são mantidas pelas visitas freqüentes que se fazem os agricultores residentes no Pará e no Maranhão (e por vezes mesmo no Piauí). Em Vera Cruz encontramos, ao contrário, uma situação onde o parentesco é vivido, preferencialmente, no interior de núcleos familiares relativamente fechados e que não têm um histórico de relações anteriores. Além das relações de parentesco propriamente dito, o compadrio (o parentesco “simbólico”) possibilita a consolidação dos “vínculos sociais” locais. Ele pode ser considerado vertical ou horizontal, conforme ligue indivíduos distantes ou próximos socialmente. O compadrio horizontal, o mais comum na Gleba 9, em geral reforça relações de parentesco ou de afinidade já existentes entre dois agricultores.

As relações de parentesco (“formal” e “simbólico”) e a aprendizagem da vida social local que delas decorrem são elementos importantes do “vínculo social” local e para explicar a organização das redes de relações de troca de trabalho e bens. Além destas, o parentesco ajuda a explicar a constituição do que poderíamos denominar uma **sociabilidade local**, que garante a

produção de um “universo de sentido comum”, através de uma certa harmonia das experiências e de seu reforço pela expressão individual ou coletiva, improvisada ou programada (por exemplo no caso das festas). Esta sociabilidade local também é construída por outros tipos de relações, como as de vizinhança ou a “moradia” que, freqüentemente, se combinam ao parentesco.

Em uma área de colonização, como a Gleba 9, onde toda a terra é apropriada individualmente, um agricultor sem terra tem que, forçosamente, “pedir moradia” (ou “morada”) a um outro agricultor dono de terra ou a um fazendeiro (em geral em pequenas e médias fazendas). A “moradia” consiste no direito de construir uma casa e de, em princípio, fazer roças no lote de morada. Ela tem origens antigas; no caso do Nordeste, por exemplo, na relação entre um grande proprietário e agricultores que vivem e trabalham em suas terras (Garcia JR, 1989), como era o caso dos habitantes do Sítio Novo antes da migração para a Amazônia. No entanto, uma diferença fundamental na moradia, tal qual praticada atualmente na Gleba 9 (e na maior parte da fronteira agrária de Marabá), é a ausência da cobrança do “foro” ou “aforamento”, ou seja, a cessão pelo morador ao dono da terra de uma parte de sua colheita (ou a obrigação do primeiro de trabalhar, gratuitamente, para este último).

Como observam Araújo & Schiavoni (neste número), não existe um contrato implícito formalizando as relações entre o dono da terra e seu morador: elas podem variar bastante em função da situação pessoal de ambos e, por outro lado, sua concessão não depende de relações prévias entre os interessados (por exemplo de parentesco). Entretanto, a moradia é freqüentemente vivida como uma relação personalizada, quase familiar, e, então, colocada sob a retórica da reciprocidade. Assim sendo as relações de “moradia” são, muitas vezes, paralelas às relações de parentesco (formal ou simbólico), que podem ou não anteceder-las. Mesmo se não há qualquer obrigação formal do morador em fornecer trabalho ou produtos, de maneira sistemática, ao dono do lote (gratuitamente ou não), e a despeito da retórica da reciprocidade que a caracteriza, a “moradia” cria uma relação de “dependência simbólica” do morador para com o dono da terra. Dessa maneira, a definição do lugar e, em certa medida, mesmo do tamanho da roça e das culturas a serem plantadas devem ser feitas em uma negociação onde o dono do lote tem a palavra final. Tal situação pode ser vivida como uma forma de “sujeição”, sobretudo por “moradores” que, não sendo “filhos do dono” (ou tendo posição similar), não são considerados como tendo direito à herança da terra. Concretamente essa situação resulta em plantios que um morador em geral não faz, como culturas perenes ou capim, o que o “disponibiliza” para trabalhar “para fora” quando termina o serviço na sua “roça”.

De maneira geral, esse impedimento não se aplica no caso de filhos (ou parentes próximos) dos donos do lote, que podem possuir gado e plantios de culturas perenes, facilitando sobremaneira a acumulação de capital com vistas à compra de terra e instalação futura (Gonçalves et al, 1992). De fato, as relações de moradia entre pais e filhos ou genros são um caso à parte, devido ao peso potencial dos mesmos nas decisões sobre a gestão do lote e pelo fato de representarem importante força de trabalho para os pais e sogros.

Para a análise das relações de parentesco entre os agricultores da Gleba 9, retomaremos a terminologia proposta por Segalen que distingue entre o “casal” (ligado pelo casamento) e o “grupo doméstico”, que é caracterizado pela unidade de residência (Segalen, 1981: 33). Esta autora propõe uma classificação dos “grupos domésticos” segundo sua composição: “sem estrutura familiar”, ou seja, não comportando casais; “simples”, compostos unicamente por um casal (ou um dos cônjuges) e seus filhos; “amplos”, compostos por um casal com seus filhos e pelo menos um de seus parentes ascendentes, descendentes ou colaterais; e finalmente os “múltiplos”, que podem reunir, sob um mesmo teto, vários casais com seus filhos. Na nossa região de trabalho os “grupos domésticos” “simples” e “amplos” são os mais comuns⁴ e, de maneira geral, concentram as funções de residência (casa), consumo (paiol de arroz) e a maior parte da função de produção (roça). Eles podem possuir ou não terra e, como vimos acima, constituem também, na maior parte dos casos, a unidade de transmissão do patrimônio. Os grupos domésticos serão, assim, a unidade de base de nossa análise dos diferentes tipos de relação entre os agricultores da Gleba 9. Excluimos, entre outras razões devido a sua grande mobilidade, os jovens solteiros sem filhos nem terra.

Como podemos observar na figura 3, os “grupos domésticos” da Gleba 9 freqüentemente são ligados por relações de parentesco direto (relações de filiação), formando agregados maiores que denominaremos “grupos de parentesco direto” (GPD)⁵. Vários autores (Sahlins, 1976; Gonçalves et al, 1992; Araújo, 1996), trabalhando em diferentes contextos, demonstraram a importância das relações entre pais e filhos na estruturação de grupos de agricultores, o que pudemos constatar também na Gleba 9 (por exemplo no que diz respeito à organização do trabalho e à transmissão da herança). Este tipo de relação adquire ainda maior importância em situações de migração que, freqüentemente, fragmentam grandes grupos de parentesco. Destarte, trabalharemos com a hipótese de que os GPD têm um papel importante na estruturação do espaço social da Gleba 9.

⁴ Geralmente logo após o casamento o jovem casal passa a morar em sua própria casa e faz sua própria roça de arroz.

⁵ Um GPD é composto pelo “grupo doméstico” do pai e pelos de seus filhos e/ou genros (ao menos um deles), os quais podem ou não possuir terra, morando relativamente próximos (mas não necessariamente em um mesmo lote).

Esta hipótese deve servir-nos como um guia na análise dos dados, permitindo revelar outros fatores estruturantes do espaço social. Por outro lado, não podemos prescindir de uma análise da maneira como se organizam as relações entre "grupos domésticos" no interior dos GPD pois, como veremos, a existência de relações de parentesco direto não define, automaticamente, a natureza das outras múltiplas relações, em particular de trabalho, que os grupos estabelecem entre si.

Segundo estes critérios de classificação encontramos na Gleba 9 (figura 3) dez GPD (6 em Vera Cruz e 4 em Sítio Novo) e 15 "grupos domésticos" isolados, ou seja, não incluídos em nenhum GPD (7 em Vera Cruz e 8 em Sítio Novo).

O parentesco "formal" direto na Gleba 9

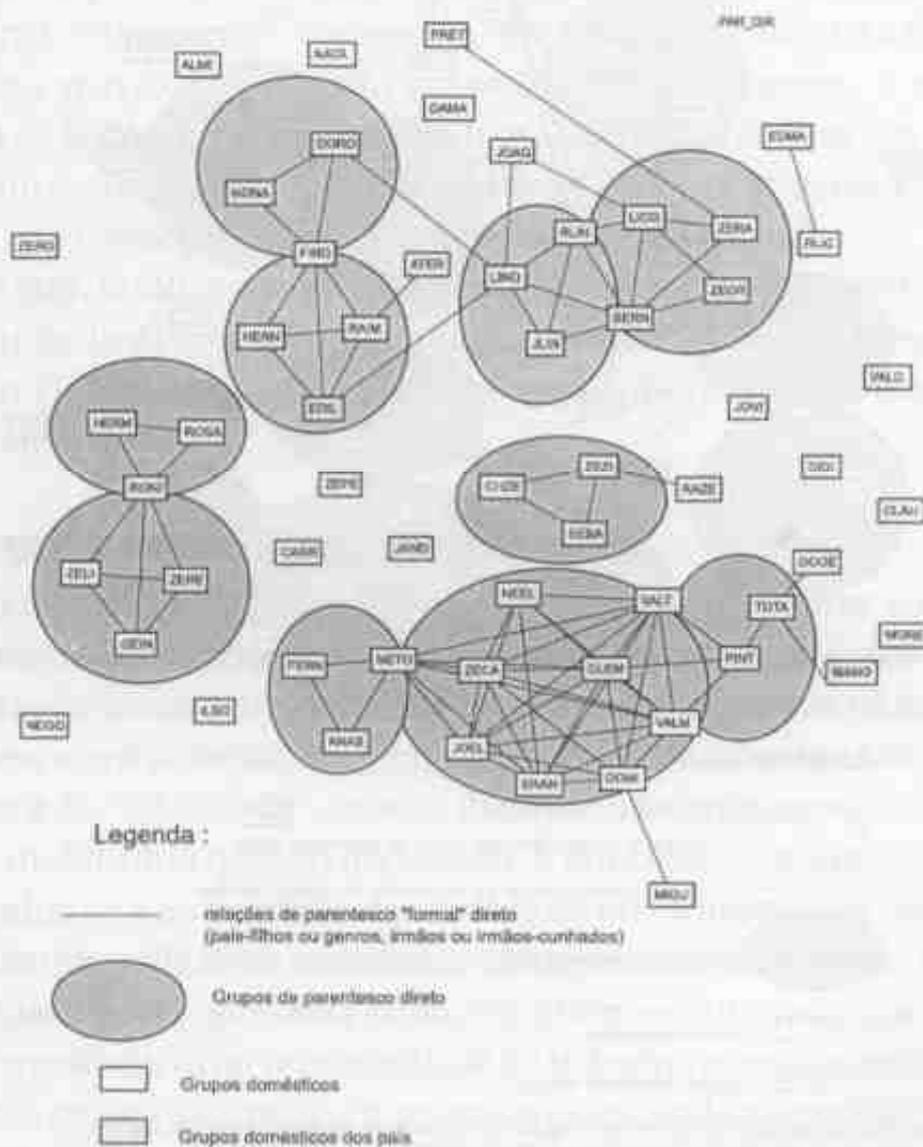
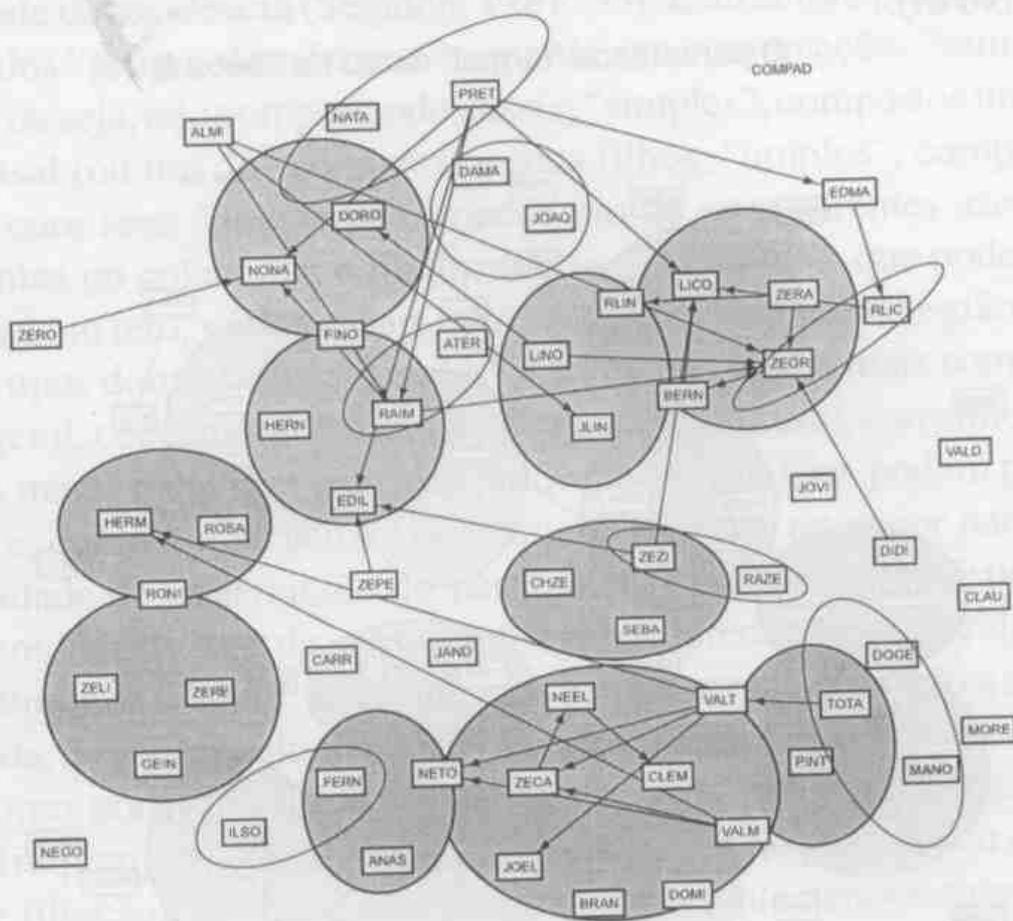


Figura 3 - O parentesco "formal" direto na Gleba 9

Existem, em Vera Cruz, relativamente poucas relações de parentesco entre GPD e com os “grupos domésticos” isolados. O mesmo ocorre com as relações de compadrio (figura 4), que se concentram no interior dos GPD e, sobretudo, no de Clemente-CLEM⁶ (o qual é, numericamente, bem maior que os outros) onde as relações de compadrio horizontal são paralelas às de parentesco direto. Assim, uma boa parte dos “grupos domésticos” isolados não têm relações entre si e com os GPD, e mesmo estes não se encontram ligados por relações de parentesco ou compadrio. Forma-se, por consequência, uma configuração “em ilhas”, pequenas e grandes, sem muitas pontes entre elas.

Compadrio e moradia



Legenda :

- Grupos de parentesco direto
- Grupos domésticos
- Grupos domésticos dos pais
- relações de moradia (fora dos grupos de parentesco direto)
- relações de compadrio (do pai ao padrinho da criança batizada)

Obs. : as posições dos grupos domésticos na figura foram definidas de maneira a permitir uma boa visualização das relações de parentesco direto, e não correspondem necessariamente à localização geográfica destes grupos.

Figura 4 - Compadrio e moradia na Gleba 9

⁶ As quatro letras após o nome do agricultor são o código através do qual eles estão representados nas figuras das redes de relações.

Por outro lado, em Sítio Novo os GPD, mais equilibrados numericamente, são bem ligados entre si pelo casamento de seus filhos, por laços de compadrio ou outros laços de parentesco direto entre os “grupos domésticos” dos pais. O GPD de João Lino-LINO tem um papel central nessas relações, ligando os quatro GPD do Sítio Novo, o que se explica pela história de migração desse grupo de agricultores. Todos os “grupos domésticos” isolados estão ligados aos GPD por relações de “compadrio”, de moradia ou de parentesco direto, além do que, freqüentemente, reconhecem laços de parentesco entre seus ascendentes no Maranhão ou Piauí. O compadrio, ao contrário do que se passa em Vera Cruz, se faz principalmente entre GPD, exceto no caso de Liço-LICO (onde as relações de compadrio horizontal são paralelas às de parentesco direto). É interessante notar que diversas famílias de Vera Cruz “ofereceram” compadrio (deram filhos a batizar) a famílias do Sítio Novo, mas o inverso não acontece. Evidentemente, é necessário relativizar os dados do compadrio em função do ciclo familiar dos diferentes GPD, assim como da desproporção entre o GPD de Clemente-CLEM e os outros no que concerne o número de “grupos domésticos”.

Em conclusão, podemos dizer que em Vera Cruz o parentesco (“formal” ou simbólico) é vivido, sobretudo, no interior dos GPD, enquanto no Sítio Novo vive-se um parentesco mais amplo, que engloba o conjunto dos “grupos domésticos”.

2. As trocas entre agricultores

Um recurso de grande importância para os agricultores na produção dos bens necessários a suas famílias e na tentativa de melhorar suas condições de vida através da acumulação, consolidando sua capacidade frente a imprevistos (doença, má colheita, etc.), é poder mobilizar a mão-de-obra disponível localmente e de “fidelizá-la”, ou seja, diminuir a incerteza quanto a sua capacidade de mobilizá-la quando necessário. Com efeito, em situação de baixo capital produtivo e de pequena capacidade de investimento em máquinas ou ferramentas que pode levar ao aumento da capacidade de trabalho, e considerando-se que não se apresenta nenhuma alternativa técnica que faça uma diferença significativa na produtividade do trabalho, a única possibilidade de aumentar os recursos disponíveis nessas regiões, onde a terra não é um fator limitante, é de dispor de mão-de-obra. Com certeza, esta é uma das razões que explicam a densidade de relações de trabalho entre agricultores, ao que podemos acrescentar a função social de produção de capital simbólico que é, como veremos, intrinsecamente ligada a sua função econômica e técnica.

Quando, como no caso da Gleba 9 e da maior parte das coletividades rurais da região de Marabá, a “monetarização” das relações de trabalho é pouco desenvolvida e a mão-de-obra relativamente escassa, o capital simbólico torna-se uma das principais formas de sua “fidelização”.

Gerir a incerteza inerente às trocas

As trocas de trabalho apresentam um leque de modalidades que procuraremos descrever insistindo, particularmente, em duas de suas dimensões:

1 - **Os tempos da troca.** Como o nota Bourdieu, toda troca se desenvolve no tempo (por exemplo no caso do intervalo entre dádiva e contra-dádiva) e põe em jogo o tempo: os prazos que estão, implicitamente, presentes durante toda troca. Ele é, destarte, um componente essencial na elaboração de estratégias. Não se deve apressar em devolver e, às vezes, deve-se devolver em um prazo julgado razoável; freqüentemente, é preciso demonstrar reconhecimento ou relembrar a dívida, mas nos momentos oportunos e sem explicitá-la, ou seja, deve-se “eufemizá-la”. Estabelecer relações de trabalho com a vizinhança não é tão somente uma questão técnica, mas também uma questão de construir uma relação ao tempo e à incerteza no espaço social local. *“Abolir o intervalo, significa abolir também a estratégia. (...) Enquanto não tiver devolvido, a pessoa que recebeu é um obrigado, que deve manifestar sua gratidão em relação a seu benfeitor ou ao menos lhe ter uma certa consideração ...”* (Bourdieu, 1980: 180-181; nosso grifo e nossa tradução).

2 - **A simetria da troca.** As trocas são de extrema diversidade não apenas nas formas de trabalho fornecido mas, igualmente, porque assumem a forma de empréstimo de ferramentas, de instalações de beneficiamento de alimentos, de animais ou de terras de cultivo ou pastos, ou mesmo de dinheiro. A diversidade aumenta, ainda mais, se consideramos, além dos recursos materiais, os recursos simbólicos que, necessariamente, são colocados em jogo, a saber: o reconhecimento, a construção de uma notoriedade e a dívida simbólica. Concentraremos-nos na descrição da assimetria entre recursos simbólicos e materiais trocados, pois presumimos que tal assimetria é um dos meios essenciais para a diminuição da incerteza sobre o futuro de uma relação. Uma atenção especial será, igualmente, dirigida às trocas pagas em dinheiro, uma outra forma de assimetria. Esse tipo de troca se encontra, à primeira vista, no pólo oposto aos recursos simbólicos e introduz a idéia de uma gestão da incerteza da relação através da utilização de dinheiro, mesmo se as práticas locais nos levam a relativizar bastante essa idéia.

Personalização versus “monetarização” das trocas

Em todos os casos estudados, trata-se de relações personalizadas, ou seja, de trocas colocando em relação duas pessoas, ou mais, que não poderiam ser inteiramente substituídas por outras. A relação se estabelece em função das características dos participantes, da história de suas relações, de seus laços específicos de parentesco e da maneira como eles vivem este parentesco etc. Todavia queremos crer que existem diferentes graus de personalização das trocas, o que procuraremos evidenciar. As duas dimensões precedentes não se confundem com a questão da personalização, mas elas podem ajudar a esclarecê-la. Os tempos em jogo na troca podem estar totalmente implícitos e concernir à pessoa enquanto tal ou, ao contrário, eles podem estar totalmente explícitos, como no caso de uma relação de trabalho contratual e, deste modo, depender da competência e da disponibilidade dos interessados. Enfim, o tipo de assimetria presente na relação, simbólica ou monetária, está diretamente relacionada à questão da personalização das trocas.

Distinguimos, então, três categorias de trocas, entre a grande diversidade observada, que descreveremos a seguir. Em um primeiro momento, as descreveremos de maneira genérica, enfatizando a maneira como elas são vividas pelos agricultores que as praticam. Em seguida, aplicaremos a categoria em questão às relações existentes entre agricultores no interior da Gleba 9. Nossas informações provêm da observação direta durante períodos de trabalho de campo e da coleta dos discursos dos agricultores a respeito dessas trocas, com seus próprios termos e explicações.

Para visualizá-las, utilizaremos uma representação gráfica em termos de redes, onde os “grupos domésticos” são representados como pontos (ou nódulos) e as relações entre dois destes grupos como linhas, que as unem. Essa maneira de representar relações entre indivíduos tem sua origem no que a literatura denomina como Análise de Redes Sociais. É importante ressaltar que estamos considerando esta abordagem, como Scott (1994: 38) e Darré (1996: 96), não como uma teoria das relações sociais, mas como um conjunto de metodologias que possibilita a descrição das relações entre indivíduos dentro de grupos relativamente pequenos e em um dado momento no tempo.

2.1. Trocas pagas em dinheiro

Essas trocas podem tomar a forma de “empreita” (pago por tarefa) ou de “diária” (pago por tempo de trabalho) e o pagamento em dinheiro que as caracteriza é, em geral, feito o mais rapidamente possível após o término do trabalho combinado. É preciso distinguir entre o trabalho pago entre agricultores e entre um agricultor e uma fazenda.

Tal distinção é importante na medida em que a venda de sua força de trabalho nas duas situações não é vivida pelos agricultores da mesma maneira.

A venda de trabalho em fazendas suscita reações contraditórias: ela é normalmente vivida e aceita como uma relação desigual (patrão-empregado) mas, normalmente, considerada mais aceitável que uma relação do mesmo tipo com outros agricultores. Essa desigualdade pode transformar-se em uma forma de “sujeição” caso o fazendeiro seja um “mau patrão”, mesmo que temporário. Na Gleba 9, de modo geral, os agricultores trabalham em pequenas e médias fazendas cujo dono ou capataz eles conhecem pessoalmente (mesmo se, por vezes, eles podem ser arregimentados por um intermediário, o “gato”). Assim, mesmo nesses casos, é difícil falar de relações puramente contratuais, pois trabalha-se para alguém que se conhece, e porque se sabe que tal pessoa é um “bom patrão”.

Esse tipo de relação de trabalho é comum tanto em Vera Cruz quanto em Sítio Novo, apesar dos agricultores desses dois grupos trabalharem em fazendas diferentes. Em Vera Cruz podemos encontrar algumas relações de trabalho muito fortes com fazendas pequenas ou médias (ou mesmo com agricultores “fortes”) em outras áreas de colonização próximas, com as quais certos agricultores têm uma ligação qualquer em função de sua história. Por outro lado em Sítio Novo elas parecem ser relações de menor duração e com fazendas mais próximas, assim como com “fazendinhas” (menos de 100 alq.), cujos “moradores” fazem parte da “comunidade” católica do Sítio Novo.

As relações de trabalho pago entre agricultores⁷ são, em geral, claramente diferenciadas das relações com fazendas, mesmo se uns (os que compram) são considerados como “fortes” e outros (os que vendem) como “fracos”⁸. As relações com as fazendas são como uma espécie de referência “negativa”: deve-se envidar todos os esforços possíveis para evitar que uma relação entre agricultores lembre uma relação de tipo “patrão-empregado”, ou uma relação “despersonalizada”. Assim, tais relações são objeto de um esforço considerável de “eufemização retórica”: frequentemente, fala-se da venda de uma diária de trabalho como uma “ajuda” ao “companheiro” mais “forte”, por exemplo. Como veremos mais adiante essas relações, longe de serem uma forma de salário, inserem-se em um quadro, mais amplo, composto também por outras relações (“moradia”, parentesco “formal”, compadrio, ...). Em alguns casos pode acontecer que relações de trabalho pagas entre agricultores se estabeleçam por um longo tempo segundo o modelo “patrão-empregado”, o que, em geral, é vivido de maneira difícil por quem vende seu trabalho.

⁷ Contrariamente ao caso das fazendas, o trabalho pode ser realizado como pagamento de uma dívida que o precede ou ainda, em outros casos, o pagamento pode ter que esperar, algumas vezes por bastante tempo, a disponibilidade de dinheiro vivo por parte do comprador.

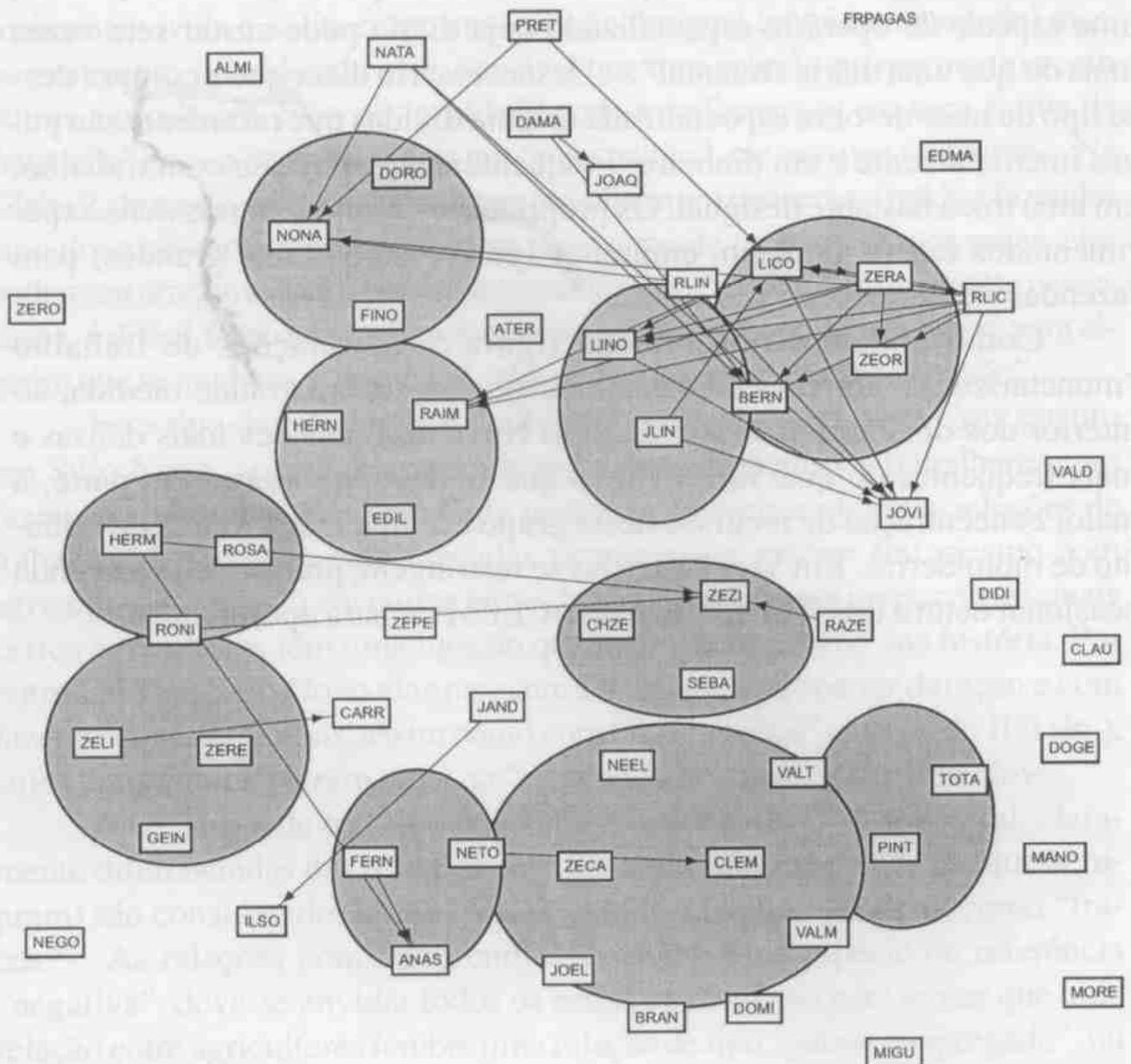
⁸ Os “fortes” são agricultores que dispõem de mais recursos (benfeitorias, gado etc.), ainda que não necessariamente de dinheiro vivo. Por outro lado existe também o caso dos aposentados, que recebem uma renda mensal equivalente a um salário mínimo, e que em geral compram trabalho localmente.

Uma situação de exceção ao descrito acima é a venda de trabalho com motosserra, pois nela o sentido da relação se inverte⁹: são os “fracos” que pagam aos “fortes” por derrubadas feitas com motosserra. O proprietário da mesma (geralmente seu operador, o “motoqueiro”) torna-se, assim, uma espécie de operário especializado cuja diária pode custar sete vezes mais do que uma diária “manual”... Desnecessário dizer que a compra desse tipo de mão-de-obra especializada origina dívidas que raramente são pagas imediatamente e em dinheiro. Frequentemente, paga-se com trabalho, em uma troca bastante desigual. Os proprietários de motosserras mais experimentados fazem, também, empreitas (por vezes bastante grandes) para fazendas vizinhas.

Como podemos observar na figura 5, as relações de trabalho “monetizadas” internas à Gleba 9 restringem-se, em grande medida, ao interior dos dois grupos locais. O Sítio Novo tem relações mais densas e mais frequentes do que Vera Cruz, o que se deve, ao menos em parte, à maior concentração de recursos neste grupo e a uma maior venda de trabalho de motosserras. Em Vera Cruz elas se restringem, praticamente, à venda ocasional dentro do GPD de Clemente-CLEM ou para aposentados.

⁹ As motosserras tornam-se cada vez mais comuns em nossa região de estudo (na Gleba 9 existiam cinco em 1997), e mesmo os agricultores com menos recursos se esforçam para pagar a derrubada por motosserra de suas roças na mata, o que lhes evita um trabalho longo, pesado e perigoso.

Relações de trabalho monetarizadas freqüentes



Legenda :

→ relações de trabalho monetarizadas frequentes
(a seta vai de quem vende trabalho a quem o compra)

○ Grupos de parentesco direto

□ Grupos domésticos

□ Grupos domésticos dos pais

Obs. : as posições dos grupos domésticos na figura foram definidas de maneira a permitir uma boa visualização das relações de parentesco direto, e não correspondem necessariamente à localização geográfica destes grupos.

Figura 5 - Relações de trabalho "monetarizadas" frequentes na Gleba 9

2.2. Trocas estabelecendo uma certa simetria

Empregamos a expressão troca simétrica quando trabalho é trocado por trabalho (ou eventualmente por bens), em uma situação onde a incerteza da relação é reduzida. Na prática, no que diz respeito ao trabalho, este tipo de troca produz uma dívida entre dois agricultores que é evocada e avaliada de maneira relativamente explícita e que deve ser paga no mesmo ciclo agrícola e, em geral, unicamente por trabalho.

A “troca de diárias” é um arranjo feito entre dois agricultores no qual ambos entram de acordo quanto à troca de dias de trabalho. Uma vez a primeira diária de trabalho efetuada, o credor convida o devedor, com certa antecedência, a vir “devolver a diária” em tarefa e dia precisos. Caso o devedor esteja ocupado na data prevista, uma outra ocasião é acertada. É bastante mal visto que o credor insista muito na devolução da diária e, por outro lado, é recomendável que o devedor se mostre desejoso de “pagar sua dívida”. Uma vez a diária devolvida, a dívida é anulada, mas o fato de ter exercido esse tipo de relação cria um vínculo entre os interessados e torna possível a repetição da troca, sem que se possa afirmar de que lado parte a iniciativa.

Este tipo de troca ocorre, também, no âmbito de um grupo de trabalho, em que um agricultor convida, individualmente, vários outros a realizarem determinada tarefa em seu lote, o que é denominado por alguns agricultores um “adjunto”. Esta forma de trabalho em grupo se distingue do “mutirão” (o qual trataremos mais adiante), na medida em que ele não tem um caráter festivo e as diárias de trabalho fornecidas são contabilizadas de maneira relativamente explícita. Cria-se, a partir de então, uma dívida clara do organizador do “adjunto” para com cada um dos participantes e o “reembolso” da mesma é efetuado da maneira descrita para a “troca de diárias”. O “adjunto” tende a estabelecer uma relação bem menos “incerta” (quanto ao “reembolso” do trabalho fornecido) do que o “mutirão”, o que não quer dizer que seus significados para o grupo local se restrinjam ao campo técnico-econômico nem que ele deixe de ser objeto de um esforço de “eufemização retórica”.

Além das relações envolvendo exclusivamente trabalho, existem outras nas quais este é retribuído em produtos, muitas vezes imediatamente após a realização de uma tarefa precisa, como no caso da colheita “repartida” (em geral “na terça” ou “na meia”) de arroz e outros produtos, ou ainda da produção de farinha de mandioca “na meia”. Em outros casos, o trabalho é retribuído ao final do ciclo de uma cultura ou do ciclo reprodutivo dos bovinos, como no caso da roça e do gado “na meia”, respectivamente.

Em todos estes exemplos o trabalho fornecido, mesmo se ele não é pago em dinheiro, reclama uma retribuição bem definida em termos de quantidade (de trabalho ou produtos) e de prazo. Este tipo de relação comporta, todavia, uma troca simbólica dificilmente contabilizável, o que é particularmente claro no caso da roça "na meia" (que pode ser percebida como uma "ajuda") ou do "gado na meia" (relação freqüentemente estabelecida com uma fazenda).

Como podemos observar na figura 6, Sítio Novo e Vera Cruz formam redes praticamente não conectadas no que toca a este tipo de relação. Por outro lado as redes dos dois grupos locais são sensivelmente diferentes. Em Vera Cruz as relações restringem-se, quase exclusivamente, ao interior dos GPD, existindo poucas relações entre os "grupos domésticos" (as que existem são muitas vezes paralelas a uma aliança por casamento). Uma exceção é o GPD de Zezinho-ZEZI, onde as relações entre o pai e os filhos se dão, unicamente, em termos de trabalho conjunto em uma mesma roça (e para a criação de gado). Em contrapartida, em Sítio Novo as relações simétricas são bastante intensas entre todos os "grupos domésticos" (com a exceção do GPD de Edil que, por se encontrar geograficamente distante, estabeleceu algumas relações com seus vizinhos em Vera Cruz). Pode-se observar que os agricultores mais "fracos" participam de um maior número de "adjuntos" que os mais "fortes". Contudo, em Sítio Novo, mesmo os "fortes" participam desse tipo de troca de trabalho que, certamente, é um momento importante para a acumulação de capital simbólico junto ao grupo local.

Relações simétricas freqüentes

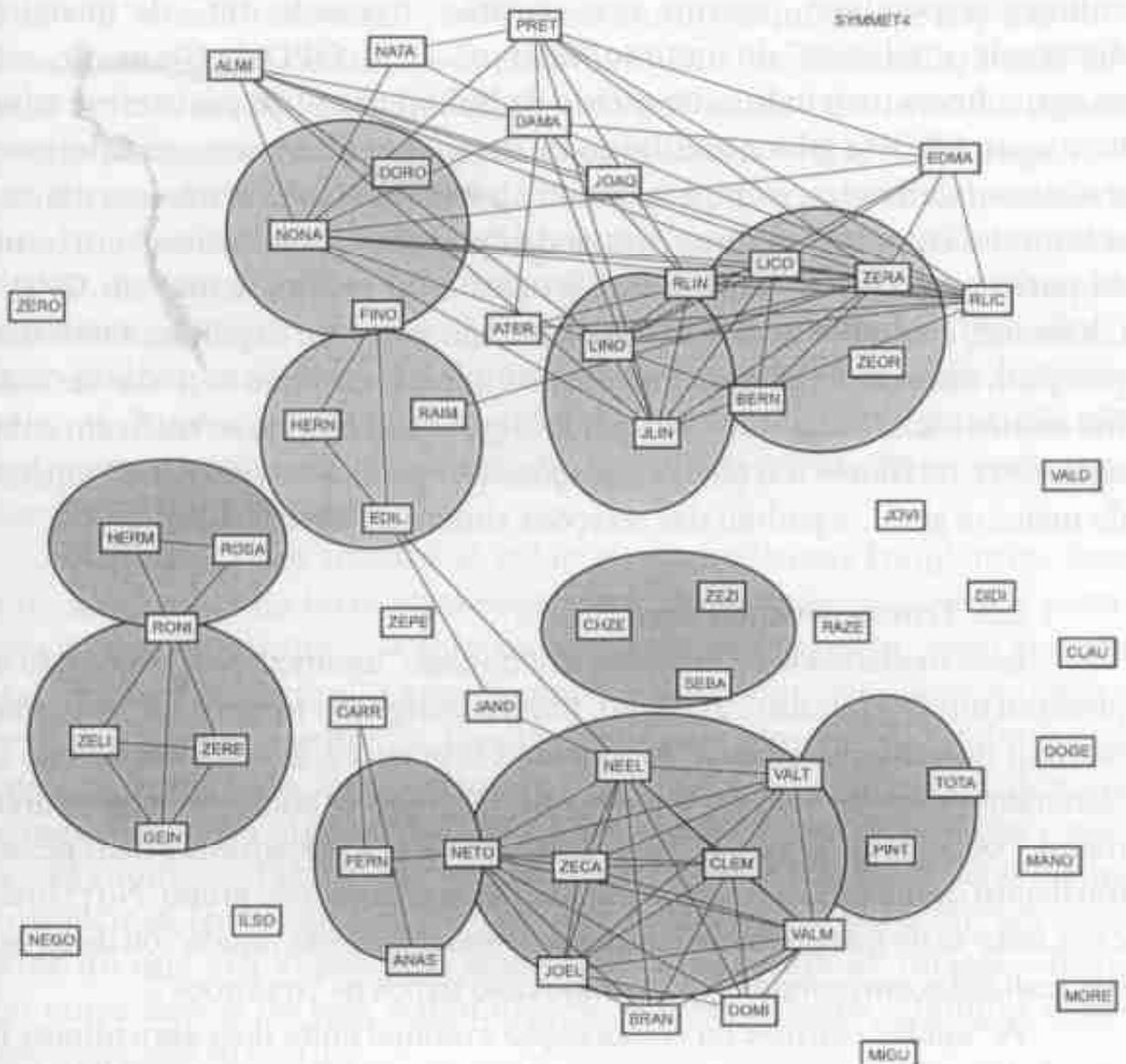


Figura 6 - Relações simétricas freqüentes na Gleba 9

Tais diferenças entre Vera Cruz e Sítio Novo manifestam-se, igualmente, na própria maneira como os agricultores aludem a essas trocas de trabalho. Em Sítio Novo, quando perguntados se faziam mutirões os agricultores respondiam que sim, mas mutirão “trocando dia”, de maneira a distinguir o “adjunto” do mutirão “festivo”. Já no GPD de Clemente, onde os agricultores (originários do estado da Bahia) não utilizam o termo adjunto, é mais difícil (e talvez inútil) fazer a distinção entre trocas contabilizadas e não contabilizadas, e entre “adjunto” e “mutirão”. As primeiras existem, sobretudo, entre agricultores ocupando “posições semelhantes” em termos de parentesco (por exemplo entre irmãos e/ou genros dentro do GPD de Clemente, enquanto no Sítio Novo elas não parecem depender tanto desta posição), mas são, relativamente, menos importantes que as trocas de trabalho assimétricas (“mutirão” ou “ajuda”) que, por sua vez, se realizam sobretudo entre os filhos e o pai. As relações de “produção repartida” repetem, de maneira geral, o padrão das relações simétricas de trabalho.

2.3. Trocas assimétricas

Essa modalidade de troca foi denominado “assimétrica” porque não implica em um “reembolso” explícito, mas na obrigação moral de ficar pronto a retribuir quando a ocasião se apresentar. Os prazos e as quantidades não são claramente estabelecidos e o “reembolso” não cancela completamente a dívida moral. Podemos dividir estas trocas conforme elas se façam entre duas pessoas (ou dentro de um grupo pequeno) ou tenham um caráter de grupo. No primeiro caso, trata-se do que podemos denominar uma relação de “ajuda” ou de atividades realizadas em comum. No segundo caso temos os “mutirões”.

A “ajuda” consiste na colaboração eventual entre dois agricultores nas atividades agrícolas ou nas pequenas dádivas e colaborações cotidianas nos trabalhos domésticos. Em princípio, não cria nenhuma obrigação explícita de “reembolso”, ao menos não dentro de um prazo estabelecido de maneira inequívoca. Frequentemente tal colaboração adquire, entre certos agricultores, um caráter sistemático e mesmo programado para a realização de certas atividades (por exemplo a criação de gado e também a preparação de roças de arroz). Estas tornam-se, então, atividades realizadas em comum (ao menos durante uma de suas etapas), em que as ferramentas são compartilhadas e o trabalho dividido entre os participantes, sendo que este último raramente é contabilizado de maneira rigorosa e onde a repartição dos produtos (quando é o caso) é, em geral, claramente definida. Assim, na criação de gado em comum, cada cabeça tem seu proprietário e, no caso da “abertura” de uma roça de arroz, as superfícies de cada participante são divididas antes do início dos trabalhos.

As relações de ajuda podem incluir alimentos e mercadorias ou o empréstimo de ferramentas, animais de carga, casa de farinha etc., o que permite aos agricultores mais “fortes” tornarem-se fontes frequentes dessa “ajuda” material, realizando a transformação de capital econômico em capital simbólico e, eventualmente, criando relações de dependência. Um caso especial desse tipo de “ajuda” material é a cessão de terra para roça, onde o dono de um lote concede a um outro agricultor o direito de fazer uma roça de certo tamanho em uma determinada parte de suas terras. Desnecessário insistir sobre a importância dessa relação, que se encontra no âmago da “moradia” (mas que pode estabelecer-se, igualmente, com outros agricultores que não o “morador”) e que pode, eventualmente, transformar-se em uma relação bastante desigual. Ainda que em nossa região de estudo, de modo geral, ela não implique em nenhuma contrapartida, é potencialmente importante para criar uma dívida simbólica.

A figura 7 nos mostra as relações assimétricas frequentes, bem como as cessões de terra para roça, mas excluem as relações de participação em “mutirão”, de que trataremos em separado. Essa relação estabelece-se, em geral, entre “grupos domésticos” vizinhos e tende a ser mais frequente entre os ligados pelo parentesco. Na Gleba 9 elas ocorrem, sobretudo, no interior dos GPD, nas relações entre donos e moradores e com alguns vizinhos próximos. As cessões de terra para roça seguem, exatamente, o mesmo padrão. No Sítio Novo as relações assimétricas frequentes entre “grupos domésticos” parecem ser mais fortes do que em Vera Cruz, especialmente devido às relações deste tipo entre donos de lote e moradores. Há, no entanto, algumas exceções que cabe discutir.

Em caso particularmente instrutivo no manejo de capital simbólico, o estabelecimento de relações assimétricas (através de cessão de terra para roça) entre um agricultor “forte” (não residente na Gleba 9) e os “grupos domésticos” do Sítio Novo (e sobretudo Liço e João Lino), insere-se em uma estratégia de aproximação e de acumulação de capital simbólico junto aos habitantes dessa localidade, o que pode ajudá-lo a “legitimar” a propriedade de seus 3 lotes e, ao mesmo tempo, “captar” mão-de-obra paga¹⁰ (“fidelizando-a”). Em contrapartida, essa relação traz vantagens para os habitantes de Sítio Novo na medida em que a terra disponível para roça (e sobretudo a mata primária) começa a escassear em seus lotes.

¹⁰ Desta maneira, recentemente ele conseguiu que um agricultor sem terra ligado ao grupo do Sítio Novo se tornasse morador em um de seus lotes.

Por outro lado, as relações assimétricas ocasionais são, de modo geral, bem mais densas (do que as freqüentes) em toda a Gleba 9 e extrapolam claramente os GPD, ainda que persista uma separação clara entre Sítio Novo e Vera Cruz. Em geral são relações pontuais entre “grupos domésticos” que residem próximos, como por exemplo empréstimo de pequenas ferramentas, animais de carga (por curtos períodos) ou pequenas quantidades de alimentos. As relações assimétricas ocasionais são o instrumento para que se estabeleçam as mais diversas estratégias sociais de acumulação de capital simbólico, sobretudo da parte de quem tem mais recursos para distribuir.

No *mutirão* (troca na qual vários agricultores trabalham em uma tarefa específica para um outro) sobressai, em relação ao *adjunto*, o caráter festivo: o agricultor que o organiza deve providenciar para os convidados uma boa refeição e bastante cachaça. Contrariamente ao que se passa no *adjunto*, o *mutirão* não cria para seu organizador a obrigação de reembolsar rapidamente cada um dos participantes, mas simplesmente o compromisso de participar nos *mutirões* organizados por eles.

O *mutirão* pode ser dividido em dois tipos um pouco diferentes entre si. O primeiro, mais freqüente, e que reúne, sobretudo, vizinhos, consiste em atividades onde o trabalho em conjunto é essencial ou tem um interesse evidente, como é o caso da cobertura de uma casa com palhas de babaçu ou “barrear” (construir as paredes de barro) uma casa. O segundo tipo, mais esporádico e onde o *mutirão* assume todo seu caráter festivo, é “para adiantar serviço”, ou seja, em geral roçar juquira (para preparar a roça ou limpar pasto) ou capinar a roça de arroz. Existem variantes deste último, como o “roubo”, no qual o caráter festivo é acentuado¹¹. Podemos notar que o *mutirão* não constitui, como no caso do “*adjunto*”, um grupo de trabalho relativamente estável. Uma outra diferença é a forma do convite aos participantes: mais individualizado no caso do *adjunto* e mais público no caso do *mutirão*.

Os “*mutirões*” parecem ser bem menos freqüentes no Sítio Novo (relativamente a Vera Cruz), onde são comuns as histórias de *mutirões* malsucedidos. Eles são organizados, sobretudo, pelos agricultores “fortes”, com recursos para fazê-lo (Liço-LICO, João Lino-LINO, Raimundo Nonato-NONA, e também o Zé Raimundo-ZERA). Em Vera Cruz eles são mais freqüentes e uma das principais relações de trabalho entre GPD, bem como dentro de alguns destes, principalmente no de Clemente-CLEM. Neste último os *mutirões*, financiados em parte pelas aposentadorias do chefe da família e de sua esposa, tornam-se a peça principal de uma verdadeira organização do trabalho familiar.

¹¹ O “roubo” não é organizado por seu beneficiário, mas por seus amigos que vêm lhe “roubar” o trabalho a ser feito.

Finalmente, os mutirões cumprem também um papel de sociabilidade em relação ao exterior da vizinhança, pois são a ocasião de receber gente “de fora” ou de visitar outras localidades, não somente entre o Sítio Novo e Vera Cruz, mas também áreas mais distantes.

2.4. O trabalho para a coletividade

Os “mutirões para os doentes” consistem em ajudar um agricultor que enfrenta um problema de saúde qualquer. Ele pode estar ligado diretamente ao problema (como, por exemplo, no caso do carregamento “na rede” até o povoado mais próximo, onde se pode conseguir um carro) ou então ter como objetivo ajudar nos trabalhos agrícolas do doente. Esse tipo de mutirão é, sistematicamente, aplicado em Vera Cruz e em Sítio Novo e também não implica em qualquer obrigação de reembolso em um prazo determinado mas, simplesmente, no compromisso de ajudar em situações semelhantes.

Por outro lado o “mutirão para a coletividade” se distingue do tipo visto há pouco na medida em que ele não é realizado para nenhum agricultor em particular, mas no interesse geral da vizinhança, como para a reparação de uma estrada, a construção de um prédio de utilização coletiva, por exemplo a escola primária ou a igreja. Sua freqüência depende, em parte, do grau de organização do grupo de agricultores em questão.

O mutirão para a coletividade é bem mais freqüente no Sítio Novo do que em Vera Cruz, e é interessante analisar as respectivas modalidades de organização nestes dois grupos. No caso do “mutirão de urgência”, para evacuação de um doente para o povoado mais próximo, a convocação é imediata e da maneira que for possível. Já no caso dos mutirões para ajudar na atividade agrícola do doente há diferentes maneiras de convocá-lo. Em Vera Cruz não há um “procedimento padrão”: normalmente, uma pessoa próxima ao doente (um vizinho ou parente) vai de casa em casa explicando a situação e convidando para o mutirão ou, eventualmente, aproveita de um momento de encontro (por exemplo no campo de futebol nos dias de jogo) para fazê-lo. Em Sítio Novo tal convocação é feita, sistematicamente, após a “celebração” católica dos domingos por um agricultor (Liço-LICO) reconhecido por todos como responsável por este tipo de atividade (e um dos agricultores mais “influentes” de Sítio Novo). O mesmo acontece com os “mutirões para a coletividade”, que são bem mais freqüentes em Sítio Novo. Em Vera Cruz, por exemplo, o conserto da estrada de acesso foi feito exclusivamente por membros do GPD de Clemente-CLEM enquanto que, em Sítio Novo, a estrada é conservada por mutirões convocados de maneira regular pelo responsável por esta atividade (que é também Liço-LICO). Podemos constatar, então, que não se trata somente de uma diferença na quantidade de trabalho investido em mutirões para a coletividade mas, também, na forma de organização dos mesmos.

2.5. Discussão

Observamos, então, que as relações assimétricas (as mais próximas da “dádiva”) são bastante comuns, principalmente, no âmbito familiar, dentro dos GPD, e também entre vizinhos (especialmente entre “donos” e “moradores”), enquanto as relações “monetarizadas” são, relativamente, pouco frequentes e direcionadas sobretudo para o exterior da Gleba 9. O que sobressai de nossos dados é a importância relativa, em Sítio Novo, das relações simétricas frequentes entre “grupos domésticos” (independentemente dos GPD), sobretudo de troca de trabalho na forma de “adjunto”. Estas, bem menos intensas em Vera Cruz, assumem a forma de relações entre “grupos domésticos” que ocorrem, principalmente, através de mutirões esporádicos, na sua maior parte organizados por Clemente-CLEM, cujo GPD concentra grandes recursos em termos de mão-de-obra em relação ao restante de Vera Cruz. Pela sua frequência os adjuntos são, certamente, um meio de socialização importante no Sítio Novo e, de certa maneira, parecem ser a materialização no cotidiano do grupo local, cuja identidade, que eles ajudam a manter, é calcada sobre os “modelos” tradicionais do parentesco e da comunidade de fé. Esta diferença entre Sítio Novo e Vera Cruz se reflete, igualmente, no que denominamos mutirões para a coletividade, que são bem mais frequentes no primeiro, além de contarem com uma maior participação e um procedimento de organização “semi-formalizado”.

Esta tipologia das trocas socioeconômicas a nível local, forçosamente simplificadora, mostra, entretanto, que a gama de relações entre agricultores é vasta e dá a impressão de referir-se a modos de funcionamento bastante diferentes da sociedade a nível local, indo das relações de prestação de serviços pagos a serviços ou ajudas considerados como dádivas, passando por diferentes formas de trocas relativamente simétricas.

As relações técnicas e econômicas, ora descritas, fazem parte de sistemas de relações que lhes dão sentido para as pessoas por elas vinculadas, devido a sua posição relativa: por um lado em um conjunto de outras relações que ocorrem efetivamente em um momento dado no grupo local; e por outro na história das relações entre as pessoas envolvidas em uma relação específica, assim como do sistema local de relações em seu conjunto. De fato, o conjunto de relações entre dois indivíduos formam “subsistemas de sentido”, ou seja, constituem sistemas de posições sociais que permitem às partes envolvidas gerar uma espécie de gramática das relações entre elas.

No entanto as diferentes categorias de troca de trabalho não são distribuídas estritamente em função das posições sociais relativas de dois agricultores quaisquer. Se é verdade que as dádivas são mais frequentes dentro

de um GPD (entre o grupo doméstico do pai e o de seu filho ou genro), elas não são exclusivas desta relação. Todos os tipos de relações descritas acima podem apresentar-se independentemente das posições relativas das pessoas incluídas nas mesmas.

Toda relação entre dois agricultores é composta, ao longo do tempo ou em um dado momento, por vários tipos de relações e é esta combinação heteróclita, e em certa medida contingente, que nos parece poder melhor caracterizar a natureza do “vínculo social” local. Por outro lado, é preciso não somente levar em consideração as características objetivas das relações (por exemplo tal serviço foi pago em dinheiro enquanto tal outro não fez objeto de nenhum retorno imediato...) mas, igualmente, atentar para a maneira como elas são interpretadas pelos agricultores que as vivem. Quando um agricultor retribui uma ajuda prestada por um vizinho, este ato não tem o mesmo significado que o trabalho pago por uma fazenda próxima, sobretudo porque aquela relação acontece dentro de uma história de relações “interpessoais” específica e em um contexto no qual as relações socioeconômicas não foram aprendidas através da prática de um mercado de relações “contratuais”, mas sim na prática de relações personalizadas de tipo doméstico-familiar. É por esta razão que estudamos também a estrutura de relações ao nível local, ou seja, o contexto organizado no qual aquelas relações se produzem e no qual elas foram concebidas e adquirem sentido aos olhos dos que as praticam. Pretendemos representar, assim, o âmbito no qual são elaboradas eventuais estratégias sociais locais e compreender o sentido do “local” na elaboração da ação coletiva.

3. As relações externas à Gleba 9

Após havermos tratado das relações entre os “grupos domésticos” da Gleba 9, nos interessaremos pelas relações entre os aludidos grupos e indivíduos e instituições situadas no “exterior” (geográfica e socialmente) dessa área de colonização, ou seja, com o mercado, o Estado e a sociedade civil. Estes são de grande importância na vida dos grupos de agricultores que estudamos, os quais, historicamente, sempre estiveram fortemente ligados (e subordinados) a indivíduos e instituições do seu “exterior”. Mais especificamente, interessa-nos examinar como as relações com o exterior podem influenciar e serem influenciadas pelas formas locais de organização estudadas mais acima.

Explica-se a importância dessas relações externas por várias razões. Por um lado, elas permitem a comercialização da produção local e a compra de mercadorias necessárias à subsistência dos agricultores;

por outro dão acesso a serviços coletivos considerados como essenciais (escola, saúde, estradas) e, mais recentemente, a recursos (públicos e privados) que visam o desenvolvimento social e econômico local. Tais funções são, também, canais historicamente utilizados por intermediários de diferentes origens para exercer uma dominação simbólica sobre os agricultores e, através dela, um controle (e exploração) econômico e político sobre os mesmos. Esta dominação, caracterizada na literatura como paternalista/clientelista, é bastante comum na fronteira agrária amazônica (Léna et al, 1996), podendo ocorrer através das próprias organizações de agricultores.

No que toca a Vera Cruz e Sítio Novo, a partir de um início bastante semelhante (de isolamento quase total), essas funções passaram a ser realizadas de maneira muito mais satisfatória (para os agricultores) nesta última localidade. O “fraco desempenho” relativo de Vera Cruz teve como corolário, ao longo dos anos, a partida de várias famílias, levando a uma rotatividade na propriedade dos lotes muito maior do que em Sítio Novo.

Esta última localidade “investiu” (não necessariamente de uma maneira consciente e misturando interesse pessoal e coletivo) no Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Itupiranga, de maneira que alguns de seus agricultores conseguiram posições importantes (inclusive a presidência) no mesmo. Ocorreu então o que poderíamos caracterizar como uma “apropriação mista” do STR, por seu presidente (o que é bastante comum na região) e pelo grupo da delegacia sindical¹² do Sítio Novo. A partir de então o STR (e mais especificamente os agricultores do Sítio Novo nesta instituição) passou a canalizar uma boa parte das relações deste grupo local com o “exterior”. Foi assim que os agricultores do Sítio Novo passaram (a partir de 1991) a ter contato com o CAT (Centro Agroambiental do Tocantins) e outras ONG's atuantes na região (com o objetivo geral de melhorar as condições de vida dos agricultores familiares). Começa então o que podemos chamar de fase dos “projetos” durante a qual, através do STR e do empenho pessoal de seu presidente, o grupo local do Sítio Novo conseguiu trazer para sua área vários projetos de desenvolvimento os quais, mesmo que de maneira desigual (e por vezes indireta), indubitavelmente contribuíram para a melhoria das condições de produção e de vida em geral dos agricultores deste grupo.

A “influência” de certos agricultores de Sítio Novo no STR de Itupiranga (no melhor estilo da apropriação pessoal de uma instituição), e a ligação (clientelista) estreita deste com a Prefeitura de Itupiranga, deu aos

¹² No momento das entrevistas, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Itupiranga (e da maior parte dos municípios da região) organizava-se através de delegacias sindicais situadas nas localidades rurais, nas quais o delegado era escolhido pelos agricultores filiados ao STR residentes nas mesmas.

agricultores desta localidade uma capacidade de negociação e de reivindicação (aliás levada a cabo por seus próprios representantes no STR) relativamente grande (ao menos muito maior que seu peso em votos) junto à Prefeitura. Já os agricultores de Vera Cruz têm posição totalmente diferente ante a política municipal. Não há uma abordagem coletiva (como a que pode ser conseguida pela delegacia sindical do Sítio Novo) e alguns agricultores têm tentado estabelecer uma relação clientelista com políticos locais (em geral vereadores, algumas vezes parentes ou “transformados” em parentes). O resultado até agora tem sido promessas eleitorais não cumpridas e com pouca chance de o serem.

No momento das entrevistas não existem comerciantes residindo na Gleba 9 e, em geral, seus habitantes se abastecem nas sedes municipais ou em povoados próximos. A venda de seus produtos é feita nos ditos locais (quando conseguem transportá-los até lá) ou, então, a atravessadores que vêm buscá-los. A relação paternalista “clássica” (como estudada por exemplo por PICARD, 1997, ao sul de Marabá) entre os agricultores e um comerciante local (com o qual muitas vezes eles têm ou criam laços de parentesco) não parece existir enquanto tal na Gleba 9. No caso de Vera Cruz, há algumas relações incipientes deste tipo; inversamente, em Sítio Novo as possibilidades de comercialização e transporte criadas pela relação com o STR e ONG’s permitem um acesso mais direto aos mercados municipais.

Para entender o estabelecimento de relação do Sítio Novo com o STR e com as ONG’s é importante lembrar que a maior parte dos agricultores do Sítio Novo haviam tido, anteriormente, experiências de trabalho com a Igreja Católica e STR’s nos seus municípios de origem no Maranhão, o que lhes deu uma certa desenvoltura no trato com instituições externas. Já em Vera Cruz, as dificuldades atuais para se encontrar um(a) professor(a) e um(a) dirigente de comunidade demonstram o despreparo dos agricultores deste grupo face às “relações externas”.

Entretanto, além dessa experiência de relações externas, pensamos que a ligação com o STR e ONG’s pôde se desenvolver e dar frutos, em termos de captação de projetos, em Sítio Novo, porque este grupo local instituiu um mínimo de organização capaz de preparar o terreno para os mesmos. Isto é visível, sobretudo, em termos de trabalho empregado (especialmente na forma de relações assimétricas) para apoiar os agricultores que passam a maior parte de seu tempo no exterior da localidade, em atividades

do STR ou ligadas a projetos de ONG's ou, simplesmente, para manter os projetos em funcionamento a nível local. Por outro lado, os recursos assim conseguidos permitem a manutenção de certo número de atividades e certa melhoria da qualidade de vida, o que torna possível uma maior estabilidade dos "grupos domésticos" nos lotes e estimula a organização local para o funcionamento dos projetos.

As relações com o STR (e através dele com as ONG's) são o objeto de mediações clientelistas dentro do Sítio Novo: quem tem mais capital simbólico junto aos responsáveis sindicais e/ou junto ao grupo local no Sítio Novo consegue mais recursos, como é o caso de Liço-LICO¹³. Os mediadores da relação Sítio Novo e STR, tanto dentro do grupo (como Liço e Bernardo) quanto no STR (como Zé Orlando e Raimundão), pertencem quase que exclusivamente a seu GPD. Todas as infra-estruturas coletivas são instaladas no lote de Liço-LICO. Assim, ele garante as relações com as ONG's e, de certa forma, representa o grupo local, em função do que exerce certa dominação simbólica sobre o mesmo. Não obstante, é indubitável que os demais agricultores de Sítio Novo também se beneficiam dos recursos trazidos pelo STR e por ONG's. Mesmo alguns cargos importantes, como o de delegado sindical, são deixados com outros GPD. A redistribuição dos recursos dentro do Sítio Novo é influenciada pelas relações densas entre seus "grupos domésticos". Ainda que possam existir tensões nessas relações, elas são constantemente negociadas e validadas por esses "grupos domésticos". Em Vera Cruz, ao contrário, encontramos "grupos domésticos" sem uma história comum, cujas residências são dispersas (contrariamente a Sítio Novo onde o habitat é relativamente concentrado) e cujas relações estão majoritariamente concentradas no interior dos GPD.

Na situação atual, em Sítio Novo, o trabalho realizado para a coletividade e o capital simbólico acumulado junto ao grupo local adquire uma característica de "conversibilidade externa". Esta se traduz, por exemplo, na possibilidade de participar de atividades que possibilitam ganhos diretos ou indiretos (projetos, transportes, crédito, ...). Isto tem influência sobre a formação da identidade do grupo local. Tal identidade se produz, agora, também em relação a (e para) esses atores externos que, principalmente no caso das ONG's, têm relação direta com o grupo local e, de uma certa maneira, demandam dos agricultores uma participação coletiva (enquanto grupo) mais ativa na relação. Assim, a identidade local pode basear-se em outros modelos além do parentesco e da comunidade católica. Isso poderia levar à aprendizagem de um outro tipo de relação "exterior", diferente da dominação tradicional de tipo paternalista/clientelista?

¹³ Os três agricultores (Zé Orlando, Raimundão e Bernardo) que geramem atualmente a maior parte dos serviços coletivos e da relação com o STR são parentes próximos e foram (ou são) moradores em seu lote, cuja mata foi praticamente toda consumida por suas roças, de uma certa maneira transformada em capital simbólico que agora Liço utiliza.

Conclusão

Em uma mesma área de colonização encontramos uma nítida distinção entre dois grupos locais, com organização e capacidade de ação coletiva bastante diferenciadas. Tal fato pode ser explicado em parte, mas não completamente, pela separação geográfica e pela história de ocupação dos lotes naquela área. Por outro lado, a relação privilegiada de Sítio Novo com o STR também não explica tudo. O caso desse grupo local certamente não é reproduzível (e talvez nem desejável...), mas podemos utilizar seus ensinamentos para discutirmos como as relações sociais internas do grupo local, sua história e suas relações com o exterior podem, interagindo entre si, fazer emergir uma identidade local e uma capacidade de ação coletiva.

Vimos como em Sítio Novo uma história de migração comum, e a utilização da “gramática” do parentesco e da comunidade de fé levou à constituição de um grupo (doméstico) local, capaz de gerar uma identidade própria (a “comunidade”) e um certo número de ações coletivas¹⁴. Essa situação se reflete em uma intensidade e variedade relativamente grandes de relações sociais entre seus “grupos domésticos”, entre as quais as relações de tipo simétrico têm grande importância. Contrariamente à situação de Sítio Novo, em Vera Cruz existem GPD (alguns bastante grandes) e “grupos domésticos” relativamente isolados, no interior dos quais predominam as relações assimétricas.

A configuração social mais “aberta” do Sítio Novo permitiu um nível de participação suficiente para a criação de uma base para a efetivação de relações com o “exterior” do grupo local e, de uma maneira mais específica, para a implementação de certo número de intervenções de desenvolvimento. Em efeito de retroalimentação, essas servem de estímulo para a ação coletiva e para o reforço das relações sociais entre os “grupos domésticos”, ajudando a manter a configuração social mais “aberta”.

Uma pergunta que, todavia, resta intacta é se as relações do grupo de Sítio Novo com o exterior e, mais especificamente, com o STR e as ONG's, podem levar a algo de diferente da intermediação paternalista/clientelista tradicional, com a qual ela guarda muitas semelhanças, ou se elas são simplesmente “mais do mesmo” sob rótulo um pouco diferente. Com certeza tal questão não pode ser respondida de forma cabal, mas gostaríamos de aludir a alguns pontos que induzem a pensar que essas relações podem, eventualmente, ir no sentido da aprendizagem de uma prática diferente das relações entre si e com o mundo exterior.

¹⁴ A formação deste tipo de grupo doméstico em áreas de colonização recente não é um fenômeno incomum, ver por exemplo Woortmann (2005) sobre a fundação de “sítios” no Nordeste.

Antes de continuarmos nossa argumentação é importante, contudo, deixarmos claro alguns de nossos pontos de vista, de maneira a evitar a idealização das relações dentro deste grupo local e com o exterior. A participação no grupo local no Sítio Novo (e o acesso a seus recursos) não é algo que se dê (de uma maneira "cidadã") pelo fato de se viver em uma determinada área geográfica (condição, aliás, para o estabelecimento de projetos territoriais). A "cidadania" nesse grupo é exercida através das relações personalizadas que cada membro estabelece com os demais, como discutimos anteriormente (o que, é certo, ajuda a explicar porque os agricultores de Vera Cruz não participam dos projetos conseguidos por Sítio Novo). Também personalizadas são as relações estabelecidas com os responsáveis sindicais. O STR é visto através de seus representantes e, desta maneira, personalizado, abrindo caminho ao estabelecimento de relações clientelistas. Isto faz com que os agricultores de Sítio Novo vejam os projetos como uma fonte de recursos e a sua "influência" dentro do STR como um meio para conseguir estes recursos para o grupo. Isto não é, obviamente, uma exclusividade dos agricultores de Sítio Novo, muitos agricultores em nossa região de estudo não têm outra referência¹⁵.

A "natureza diferente" das relações "externas" de Sítio Novo provém do fato de que os partícipes são diferentes dos "tradicionais". Trata-se de organizações representativas (STR por exemplo) e ONG's que têm entre seus objetivos uma maior participação local. Assim, uma das características da relação do Sítio Novo com o STR e ONG's é a necessidade da existência de um grupo local funcionando e que se apresente como tal, e não um líder local esperando recursos para distribuí-los, além do que os projetos necessitam de um grupo para serem implementados. A participação no STR também exige um grupo que compareça a reuniões. Assim, não podemos assemelhar a relação entre o STR e um grupo de membros com uma relação clientelista entre um político local e um agricultor, ou entre um comerciante local e um agricultor. Apesar da maneira como os agricultores se representam e se apropriam do STR, trata-se de uma instituição que pode permitir certa participação dos mesmos, e cujas práticas podem ser mudadas "de dentro", segundo regras estabelecidas claramente. Concordamos com D'Incao (2000) que é a partir da realidade dos agricultores que devemos intervir, "reforçando práticas sociais com possibilidades transformadoras e alargando os limites das práticas conservadoras dos agricultores. Isto é, acelerando o processo de transformação em curso nessas organizações".

¹⁵ Um exemplo bastante comum é a naturalidade com que responsáveis de organizações coletivas utilizam os carros de serviço para fins pessoais ou se arranjam para que a ação de sua organização beneficie sobretudo os seus próximos. Também é uma naturalidade que a maior parte das pessoas aceita este tipo de comportamento como "normal".

As aludidas relações externas podem, então, reforçar a identidade de grupo e, interagindo com configurações locais como a de Sítio Novo (que respondem melhor a estímulos “participativos”), criar uma dinâmica de aprendizado de um novo modelo de relações (tanto internas quanto externas), menos centrado no “doméstico” e, por aí, contribuir à criação de uma identidade local baseada na participação em um grupo de indivíduos trabalhando para alcançar objetivos comuns. Uma das modalidades concretas de construção deste novo modelo de relações é simplesmente tornar possível, aos agricultores, saírem da localidade (do “centro”) e participarem, discutirem seus problemas e expressarem-se em reuniões, ou seja, fazerem o aprendizado de um outro tipo de relação, teoricamente mais “democrática”. Essa possibilidade não é oferecida, por exemplo, aos agricultores de Vera Cruz.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO R. Fondation d'un lieu et formes de domination sur les fronts pionniers. In: *L'oppression paternaliste au Brésil*. Paris, Karthala, 1996
- ARAÚJO R. & SCHIAVONI O.M.G. A ilusão genealógica. Parentesco e localidade na fronteira agrária da Amazônia. . In: Albaladejo C. e Veiga I. (orgs.) *A Construção Local dos Territórios da Agricultura Familiar (Amazônia oriental). Partes 2 e 3: Organizações sociais e saberes locais frente às ações de desenvolvimento*. UFPA e CNRS/EVS, Agric. Familiar: Pesq. Form. e Desenv., v.1, n.3, 2002
- BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1980
- BULLER, H. & WRIGHT, S. (ed) *Rural development: problems and practices*. London, Aldershot, Avebury, 1990
- CROZIER, M. & FRIEDBERG, E. *L'acteur et le système*. Paris, Éd. du Seuil, 1977
- D'INCAO M.C. Clientelismo e democracia nas organizações dos agricultores familiares da Microrregião de Marabá. A Associação dos Pequenos Agricultores da Consulta. In: Albaladejo C. e Veiga I. (orgs.) *A Construção Local dos Territórios da Agricultura Familiar (Amazônia-Nordeste). Parte 1: A Intervenção Local em Questão*. UFPA e INRA/SAD (França), Revista Agric. Familiar: Pesq., Form. e Desenv., v.1, n. 2, 2000, p. 113-139.
- DARRE, J. P. *L'invention des pratiques dans l'agriculture. Vulgarisation et production locale de connaissance*. Paris, Ed. Karthala, 1996

- DE REYNAL, V.; MUCHAGATA, M. G.; TOPALL, O. & HEBETTE, J. *Agriculturas familiares e desenvolvimento em frente pioneira amazônica*. Guadeloupe, LASAT/CAT, DAT/UAG, GRET, 1996
- FRIEDBERG E. *Le pouvoir et la règle. Dynamiques de l'action organisée*. Paris, Seuil, 1993.
- GARCIA JR, A. R. *O Sul, caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo, Editora Marco Zero e Editora Universidade de Brasília, 1989
- GONÇALVES, M. R. & TOPALL, O. (coord). "Agricultura familiar da região de Marabá: trajetórias de acumulação", in Actes du Séminaire Agriculture Familiale et Développement Rural en Amazonie Orientale - n. hors série d'Agricultures Paysannes et Développement: Caraïbe-Amérique Tropicale, Pointe-à-Pitre (Guadeloupe), SACAD - DAC, 1992, p. 311-330.
- KAYSER B., BRUNA., CAVAILHÉS J. & LACOMBE P. *Pour une ruralité choisie*. La Tour-d'Aigues, DATAR - Editions de l'Aube, 1994
- LENA, P.; GEFFRAY, C. & ARAUJO, R. "L'oppression paternaliste au Brésil (avant-propos)". *Lusotopie*, 1996, p.105-108.
- MITCHELL, J. C. "Case and situation analysis". *The Sociological Review*, V.31, N.22, 1983, p.187-211.
- NELSON, N. & WRIGHT, S. (ed). *Power and participatory development: theory and practice*. London, Intermediate Technology Publications Ltd, 1995
- PICARD, J. *Les marchands de rêves. Représentations sociales de l'échange et développement rural sur un front de colonisation en Amazonie brésilienne*. Université Michel de Montaigne-Bordeaux III, 1997
- SAHLINS, M. *Age de pierre, âge d'abondance. L'économie des sociétés primitives*. Paris, Editions Gallimard, 1976
- SCOTT, J. *Social Network Analysis*. London, SAGE Publications, 1991
- SEGALEN, M. *Sociologie de la Famille*. Paris, Armand Colin, 1981
- WOORTMANN, E. F. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo-Brasília, HUCITEC-Edunb, 1995
- WRIGHT, S. "Development theory and community development practice". In.: H. BULLER/S. WRIGHT, (ed.). *Rural development: problems and practices*, Aldershot, Avebury, 1990, p.41-64.